

## Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno . . . . .	1\$300 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	350 "
Numero avulso . . . . .	30 "

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas, director, proprietario e administrador de *A Restauração*.

## Redacção e Administração

R. de Payo Galvão—Guimarães

## A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

## Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
No corpo do jornal . . . . .	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

## Composição e Impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

"Maior... et ad  
maiora natus...."

(Ao snr. X de "O Regenerador.")

O que ha dias aqui escrevemos sob a epigraphe "*Processo incorrecto*", serviu de pretexto a um dos nossos revs. collegas de *O Regenerador* para nos dedicar cêrca duma columna do seu n.º 13. O X, que a subscrive, não é para nós nem para ninguém uma incógnita. Representa um illustre collega a quem sempre temos respeitado e para com o qual esperamos que nunca o "*interficate errores*" fará arrefecer o "*diligite homines*".

Para prova de consideração, vamos-lhe responder, neste logar de honra, ao artigo "*Nervosos*...", apesar de nelle se não apresentar um só argumento válido contra as nossas affirmações; e transcrevê-lo-remos todo, intercalando-lhe alguns reparos aos pontos mais dignos delles.

«Como o duello dos snrs. Wenceslau e José d'Azevedo tivesse suggerido, aos revs. collegas da "*Restauração*", um artigo com a doutrina do qual concordavamos, mas de cujo intuito politico algo divergiamos, lembramo-nos de lançar, no ultimo numero do "*Regenerador*", o "*suelto* em que, condemnando formalmente essa indefensavel abusão social, notavamos que tambem o snr. Jacintho Candido se batera com Alves Correia. Eis a historia do nefando caso.»

O snr. X não tem direito de nos attribuir intuito politico diverso do que manifestamente se colhe das nossas palavras. Ora ninguém de boa fé nos porá em dúvida que a nossa intenção politica era a de condemnar a falta de escrúpulo com que os mais altos encarregados da manutenção das leis e da ordem sam os seus escandalosos desprezadores. O nosso collega X diverge do nosso modo de pensar. Não lhe applaudimos o critério politico, nem felicitamos o partido em cuja defesa elle precisa de ser empregado; mas tambem não precisamos de o combater: é um desses erros que, formulados, estão condemnados.

«Aparou-se um remoço politico, mais ou menos disfarçado na boa doutrina sobre o duello, com outro equivalente, como é dos códigos.»

«De lá, não se perde ensejo de apresentar os rotativos como vivos demônios; de cá, riposta-se com uns leves piparotes nessa mania funesta. Levam e choram por mais, isso não.»

«E' dos códigos? Mas de quaes códigos?... Não é dos códigos da discussão leal e bem intencionada, que tem por fim ver triumphar a verdade. Que o crédito injusto das pessoas se sacrifique opportunamente aos superiores interesses da verdade, é de boa razão e de boa moral. Mas empregar o remoço pessoal, e sobre tudo com offensa de quem nada tem com a discussão, sem nenhum intuito doutrinal — como expressamente confessa o nosso X — faz-nos lembrar o que algures escreveu o snr. P.º Antonio Hermano, cuja auctoridade esperamos não será recusada pelo nosso illustre collega: «Raro quasi como os corvos brancos, é o contendor que, esmagando o amor de si e esgrimindo só por amor da verdade, mantém a polemica a tão briosa e tão digna altura, que nem provoca o doesto pessoal nem com essa pequeníssima arma se retalia. Debates assim desgarrados para o campo baixo da offensa crúa e da insinuação cavillosa, não edificam, não in-

struem, não honram, não illustram. Nauseam quem lê, e annullam quem contende.» Eis a verdade: nós não a diríamos tam bem.

Quanto à tal «mania funesta» contra os rotativos, ha exaggêro na linguagem do snr. X; e nós repellimos que ao nosso desinteressado e consciencioso empenho de restauração politica — que algumas vezes nos obriga na verdade a combater os erros dos chamados rotativos, mas sem excluirmos os dos não rotativos — se dê o nome de «mania funesta». Mas não podemos ver no emprêgo desta expressão intuito offensivo, sob pena de admitirmos uma de duas: ou que o snr. X se pretende ferir a si mesmo, ou que está em desacôrdo com o illustre escriptor já citado, o snr. P.º Antonio Hermano. Pois este nosso amigo, que o é ainda mais íntimo do nosso collega X, foi nacionalista antes de nós o sermos, e padeceu da «mania funesta» de combater os rotativos ainda antes de os erros delles terem dado occasião a que se lhes inventasse este nome.

Entre mil outras affirmações sobre o mesmo assumpto, soffra-nos o nosso X que lhe recordemos o seguinte passo do illustre escriptor: «Ha ahí uma poderosa força desaproveitada — o numerosissimo agrupamento catholico — a quem corre o dever de arborar uma bandeira gloriosa sobre as ruinas dos partidos militantes. A occasião é azada como poucas: o descrédito immenso que os numerosos desastres diplomaticos e financeiros accretaram sobre as varias facções da nossa politica, provocará fatalmente uma reacção, e não era de mais nem muito que da remodelação que fermenta surgisse um partido Catholico. Se o clero se não esquecesse de que é uma classe militante e de que a missão sublime que abraçou, é a antithese dessa indifferença egoista de que tantissimas vezes se deixa enervar...»

Quem assim conceituava os partidos rotativos, ainda antes de os seus erros attingirem a madureza podre em que se encontram, não deve levar a mal que alguém ache nelles hoje alguma coisa de censuravel. E quem assim suspirava pelo advento do nacionalismo, quando elle — na expressiva phrase do illustre escriptor — ainda estava em fermentação, não se podia queixar, se nós, pegando na palavra do snr. X, chamássemos «mania funesta» ao ódio insoffrido com que o vemos tratado pelo mesmo snr. X.

(Em parêntese: se a algum leitor parecer que deixamos uma certa confusão de responsabilidades entre o snr. X e o escriptor citado, não se inquiete, que elles, apesar de tudo, dam-se bem.)

«E, depois, vinha o lance a talho de foice: oppunha-se facto a facto, ambos do soalheiro da imprensa, ambos entre homens públicos.»

Este modo de argumentar — se assim lhe podemos chamar — é equivalente ao seguinte: Um dia o snr. P.º X faz um discurso ou escreve um artigo contra a insensatez dos que perseguem a Igreja; mas acode-lhe de lá um adversário: «Ora muito obrigado! Tambem Saulo a perseguiu, e foi canonizado!...» O snr. P.º X decerto não julga sério semelhante argumento; e, se o adversário insistisse: «...vinha o lance a talho de foice: oppunha-se facto a facto, etc.», o snr. P.º X não se demoraria em fechar a discussão exclamando aborrecido: «Sebo para a paridade!...»

«Portanto, vê-se que só o gosto de debicar comnosco é que podia ter inspirado, aos revs. padres da "*Restauração*", a ideia de nos dedicarem essa columna de prosa «despropositadissima». A penna apostolica, mas pouco christã, que a escreveu, melhor faria se investisse com verdadeiros inimigos ou gosasse o *dolce far niente*, sobre a escrevaninha.»

Estas conclusões foram estabelecidas, sem dúvida, na hypótese de serem válidas as premissas. Portanto, como estas ficam algum tanto estremitadas pelas reflexões que lhes appensamos — reflexões cuja firmeza nos parece poder desafiar a lógica do nosso X —, esperamos que o nosso illustre collega não leve a mal que as deixemos sem mais reparo, e até nos permita que contra si logicamente as voltemos.

«Pelo menos, não era caso de nos calumniar, affirmando que não «ficamos contentes com a condemnação do duello,» visto que tambem nós o condemnamos.»

O snr. X calunha-nos, para ter motivo de dizer que nós o calunhamos! Com franqueza: discordamos fundamentalmente de taes processos de discussão, que nos abstemos de qualificar. Nós não dissemos que os illustres redactores de *O Regenerador* não ficaram contentes «com a condemnação do duello;» mas sim «com a condemnação daquelle duello». E tam accertado era o nosso juízo, que o snr. X o veiu formalmente confirmar, como acima se viu.

«Nem para chamar às nossas palavras «raiva pueril e raiva impotente», pelo facto de pagarmos amor com amor.»

Quando uma creança, de condição pouco nobre e generosa, é reprehendida ou castigada por algum delicto, é frequente vê-la desabaçar a sua raiva impotente contra as razões que se lhe apresentam ou contra quem a reprehende ou castiga, com a accusação: Fulano tambem fez isto ou aquillo!... Assim fez o nosso X em *O Regenerador*. E a confirmação do nosso conceito está naquella ironia do «pagarmos amor com amor» e na graça dos «piparotes» acima transcripta.

«Nem para dizer que «ferimos cobardemente» o snr. Jacintho Candido, pois logo o dissemos arrependido e perdoado, como os duellistas de ha dias.»

Supponha o snr. X que caiu, na sua vida passada, numa fraqueza grave, cuja recordação actual lhe custa tanto mais, quanto é certo estar della arrependido e emendado. Um dia porém dá-se al um escândalo da mesma ordem; e um escriptor, poucas horas depois, verbera-o asperamente. Mas apparece um adversário deste escriptor, e lança aos ventos da publicidade: «Esse delicto é injustificavel; mas já o sr. P.º X o commetteu!» O nosso illustre X acharia nobre e louvavel que assim resurgisse para a discussão pública uma lembrança, que, apesar do arrependimento e perdão, ainda no segredo da sua propria consciência o devia maguar? E ser isto praticado sem culpa do snr. X, e até sem seu conhecimento, e, por assim dizer, nas suas costas, não era cobardia?

Quanto aos «duellistas de ha dias», ignoramos se estão arrependidos e perdoados: mas sabemos que um delles já depois incorreu outra vez em culpa e pena semelhante.

«Nem para chamar em reforço Paulo, Agostinho, e Magdalena, phantasiando argumento que não empregamos.»

Chama-se a isto negar a evidência.

Então o allegar um delicto (se verdadeiro ou não, ignoramo-lo) antigo dum homem, a quem se reconhece o immediato arrependimento e perdão e a nunca desmentida emenda, para combater a orientação actual desse homem, não será o mesmo que argumentar de Saulo contra S. Paulo, do manicheu Agostinho contra Santo Agostinho, da peccadora Magdalena contra a penitente Santa Magdalena? Tal argumento é, na verdade, um infeliz producto da phantasia; mas não da nossa, que logo o combatemos.

«Nem para carregar os tropos contra o snr. P.º Roriz, que não escrevera a local que provocou tão sonoro espirro.»

A primeira parte não parece de homem intelligente; a última não parece de escriptor sério. O snr. P.º Roriz figura, com todas as letras do seu nome, como director de *O Regenerador*; a local por nós criticada appareceu sem indicação de auctor: a quem queria o snr. X que a attribuissemos? Já muito fizemos nós em não limitar a responsabilidade só àquelle nosso collega. A culpa foi do snr. X, que se não assignou. Quanto ao «sonoro espirro», lamentamos que um homem illustre não achasse phrase mais digna e correcta para exprimir o seu pensamento. Assim, mais uma vez justificou o que nos censura no período seguinte.

«Nem para chamar «incorecção e indignidade» (indignidade!) a uma local de sã doutrina.»

Será, em parte, de sã doutrina a dita local; mas é toda, segundo a confissão do próprio snr. X e as reflexões que temos feito, de intenção incorrecta e indigna.

«Cria o illustre collega, a cujas intenções fazemos inteira justiça, que é conveniente refrear um pouco a sua penna nervosa e que deve poupar a artilharia grossa para as batalhas a valer. Se continúa a assést-la, à conta de qualquer beliscão, perdemos-lhe o respeito e convencemo-nos de que estamos em presença de baterias de madeira pintada. Sabe muito bem que as expressões — dignidade, correccção, prezarse, respeitar-se — têm certa nobreza que é necessário não achincalhar, abusando delias.»

Isto daria muito que desfiar, se tivéssemos tempo e espaço para isso. Mas, não tendo uma coisa nem outra, reportamo-nos, para a justa apreciação do que nestes períodos se diz, ao que anteriormente deixamos escripto. E ao snr. X, que tam paternalmente nos aconselha e amiaça, rogamos coteje friamente a importância das nossas theses com a das suas, o valor dos nossos argumentos com o dos seus, a correccção e nobreza da nossa linguagem com a da sua, a elevação e dignidade que reconhece em nossas intenções com a que confessa das suas; e veja se os seus conselhos e amiaças, assim prodigalizados aos outros, lhe não farão falta em casa.

Concluamos.  
O snr. X faz justiça às nossas intenções: isso lhe agradecemos. Não lhe ha pois de custar a crer que, se nunca temos gosto de combater os erros de ninguém, muito menos o podemos ter quando os vemos encarnados em pessoas a quem de longe nos habituamos a tributar o nosso respeito e amizade. E, se o snr. X pertence a este numero, pode julgar-se pelo cuidado que sempre pusemos em o excluir das nossas criticas, emquanto a evidencia dos factos não tornou injusta essa exclusão.

E agora, com os sinceros votos de felicidade com que saudamos o seu anniversário natalicio de hoje, permita que façamos outro: o de o vermos mais irmanado com o illustre escriptor acima citado, que tam bellas e acertadas coisas escreveu sobre politica. Esperamos que o esclarecido espirito do snr. X não tardará em reconhecer que é digno de mais nobre occupação, exclamando, como quem accôrda dum sonho mau: «*Maior sum et ad maiora natus!*...»

P.º F.

## Ao snr. P.º Roriz

Ao que aqui escrevemos em nosso passado numero a respeito das doutrinas do snr. P.º Roriz, dignouse este nosso rev. collega de responder:

«Ao snr. Padre Faria da *Restauração*.

«Peço a V. R. o favor de me dizer em que numero de *O Regenerador* vêm estas palavras, que V. R. me attribue e que constituem a base sobre a qual V. R. architectou a maior parte da sua argumentação — «*Campões da immoralidade sam os escriptores que não ram ao theatro, para tomar conhecimento das coisas, a fim de as louvar ou censurar*».

«Por este obséquio muito grato lhe ficará o

«De V. R. collega att.º e vend.º»

«P.º Roriz.»

Não tem o nosso rev. collega por que nos ficar obrigado: o deferimento é facil. Ei-lo: 1.º Aquellas palavras não as vimos em numero nenhum de *O Regenerador*; 2.º Mas não é verdade que nós as attribuissemos a *O Regenerador* nem ao snr. P.º Roriz.

Se ao nosso rev. collega pareceu que lhas attribuímos, é porque leu sem attenção. E não andou com extrema lisura em lançar sobre nós, tam inconsideradamente, a accusação de o citarmos falsamente. Assim, a accusação que nos faz com tanta injustiça recaí com toda a justiça sobre o sr. P.º Roriz.

Mas, para que não succeda que algum leitor, desprevenido contra o artificio do nosso rev. collega, vá colher da nossa resposta a suspeita de que fossem destituídas de justo fundamento as nossas considerações do numero passado, vamos mostrar que, se não podíamos attribuir ao snr. P.º Roriz aquellas palavras, tínhamos muita razão para lhe attribuir o sentido dellas.

1.º O snr. P.º Roriz escrevera, em resposta a uma critica nossa relativa ao theatro, que «*Campões da immoralidade sam os jornalistas... que se fazem ascetas, não se lembrando de que a sua profissão os obriga a tomar conhecimento das coisas para as louvar ou censurar*».

Ora em que sentido havíamos nós de tomar estas palavras? — O sr. P.º Roriz sabia, ao escrevê-las, que a pessoa a quem alludis é, desde bastantes annos (caminho de 15), professor de litteratura; e que, por conseguinte, é obrigado por dever de officio a conhecer o caracter das composições dramaticas, nomiadamente das contemporâneas. Portanto, sem se admitir no snr. P.º Roriz uma intensão muito injuriosa para o dito

professor. não se devia suppor que o nosso illustre collega se referisse senão ao desconhecimento que resulta de se não assistir á representação.

Mais. O sr. P.<sup>o</sup> Roriz chama «ascetas» aos escriptores em quem ha aquelle desconhecimento. E o nosso rev. collega sabia que o auctor da critica ás suas ideias se vê obrigado, pelos vários ministérios que desempenha, a viver quasi continuamente em contacto com a sociedade. Em que sentido pois lhe havia de chamar «ascetas», para aquelle effeito, senão no de não frequentar os theatros ou logares analogos?

2.<sup>o</sup> Talvez alguém nos opponha a possibilidade de que o sr. P.<sup>o</sup> Roriz tivesse a intenção de só se referir ao conhecimento especial de qual a peça que tal ou tal dia sobe á scena.

Por desgraça, superabundam os meios de o saber: dá-se-lhe tal publicidade, e por taes meios, que até os «ascetas» o sabem, ainda que não queiram.

E aí está o procedimento do próprio sr. P.<sup>o</sup> Roriz para persuadir que a sua intenção não era essa. Se tal fosse o sentido do nosso illustre collega, por que é que elle não fallou da maldade dumas peças que aí se representaram senão depois da representação? «Havemos de dizer que elle commetteu um crime de lesa-moralidade, «não se lembrando de que a sua profissão o obriga a tomar conhecimento das coisas para as louvar ou censurar»? Havemos de dizer que quis dar um escândalo com a sua assistência a uma representação que elle previamente sabia que collocava «a obscenidade no throno da Arte»? Ou havemos de lhe attribuir o mau sestro de aconselhar aos outros, sob pena de lhes chamar «campeões da immoralidade», um modo de informação que elle não julga aproveitavel para si mesmo?

Portanto é verdadeira a interpretação que demos ás palavras do sr. P.<sup>o</sup> Roriz. E, se o nosso illustre collega não tivesse limitado a exigência da sua carta a uma questão de palavras, podíamos perguntar-lhe se tem alguma coisa que reparar á justeza dos nossos raciocínios. Mas convidamo-lo a desfazer a injusta accusação que nos fez, isto é, a declarar aos seus leitores que nos attribuiu uma indignidade que felizmente não commettemos.

## ARCHIVANDO

Sob esta epigraphe, os nossos revs. collegas de *O Regenerador* citam, cheios de satisfação, estas palavras publicadas em *A Restauração*:

«A nossa imprensa catholica, não obstante todos os defeitos que a deslustram, é a mais conscienciosa...»

E commentam:

«Logo, tem defeitos e dos taes que deslustram. E' do n.º 252 da «Restauração»; não é da nossa lavra esta confissãozinha.»

Tudo isto é pueril: 1.<sup>o</sup> A confissão implicita de que *O Regenerador*, redigido por padres, não é catholico; 2.<sup>o</sup> O ligar-se grande importância a uma confissão, que só um doido ou mentiroso não fará a respeito de todas as obras humanas; 3.<sup>o</sup> O espanto de que os taes defeitos deslustrem, como se houvesse defeitos que dessem lustre.

## Guerra á immoralidade

Os governadores de provincia em Hispanha apprehenderam rude campanha contra a immoralidade dos theatros. As multas chovem cada dia sobre os actores e actrices que com uma sem vergonha inqualificavel, dam lições da mais requintada immoralidade no theatro que devia ser a escola onde se haviam de aprender os bons costumes.

O governador de Bilbao multou em 500 pesetas a actriz Calvo pelas suas maneiras impudicas; o de Vitoria em 1:000 a companhia de operetas que trabalhava no theatro daquel-

la cidade; o de Saragoça mandou fechar o theatro antes de permittir que nelle se exhibissem peças immoraes; o de Tarragona suspendeu varias noites a representação; o de Madrid processou e levou á cadeia o artista Camacho multando toda a empresa pelo facto de representarem scenas de subido gosto anti-moral; o de Girona e os de outras provincias perseguem sem quartel as empresas nacionaes ou estrangeiras que representam em suas funcções actos offensivos á moral. As auctoridades de Madrid preveniram as empresas de theatros de que cumpriram á risca o regulamento que manda acabem as representações ás 12 1/2 horas da noite, multando em 5 pesetas cada minuto que excedam o horario, e em caso de reincidencia, com o fechamento do theatro.

A conceituada revista *El Iris de Paiz*, donde tiramos estas noticias, acaba com estas palavras: «E' deste modo que se comportam as auctoridades dignas deste nome e é para isso que collocaram em suas mãos o bastão do commando».

Mas decerto não ha por lá padres que affirmem não merecer censura quem, para ganhar a vida, offerece ao público «as scenas mais próprias de bordela», e estimulem os empresarios que «collocam a obscenidade no throno da Arte» a que não desanimem «no seu esforço benemerito».

## Sessão nacionalista

A commissão executiva nacionalista deste concelho teve hontem uma sessão, em que, segundo nos consta, se deliberou, entre outras coisas, consignar na acta um voto de agradecimento ao illustre deputado nacionalista sr. Dr. Alberto Pinheiro Torres, pela brilhante conferencia que no passado dia 14 veiu fazer a esta cidade; outro á direcção do theatro de D. Aphonso Henriques, por ter prestado graciosamente á commissão o uso do edificio para se realizar a conferencia; outro ao sr. Conselheiro Dom Prior, pela promptidão e boa vontade com que pôs o seu salão ao dispôr da commissão para o mesmo fim; e que destas resoluções se desse communicação aos referidos cavalheiros. Foi também deliberado enviar aos delegados parochiaes da commissão a seguinte circular:

«A commissão nacionalista deste concelho, conhecendo as difficuldades com que luctam, e os logros de que muitas vezes sam victimas grande numero de pessoas, principalmente o povo do campo, quando têm de tratar de alguma coisa nas repartições publicas, deliberou introduzir no seu plano de obras sociaes algum meio de auxiliar os seus correligionarios nessa ordem de trabalhos.

«O que as actuaes circunstancias lhe permittem pôr desde já em pratica é o seguinte:

1.<sup>o</sup> Qualquer pessoa dessa região, que precise dos auxilios offerecidos pela commissão, apresentar-se-ha com um bilhete segundo o modelo junto, devidamente preenchido e assignado por V. Ex.»

2.<sup>o</sup> Para quaesquer esclarecimentos ou indicações relativas a repartições publicas desta cidade, os interessados podem dirigir-se ao sr. José Joaquim da Silva Guimarães, digno vice-presidente da commissão nacionalista, que mora na rua de Gil Vicente, n.º 64, ou ao sr. Antonio José Ferreira, intelligente e zeloso sollicitador forense, que mora na rua de D. Luis 1.<sup>o</sup>, n.º 22 e tem escriptorio nos baixos da casa do Cabido, á Senhora da Guia, n.º 22. Estes serviços sam inteiramente gratuitos.

3.<sup>o</sup> Para quaesquer outros serviços que costumam correr por mãos de sollicitadores forenses mediante retribuição, podem os interessados dirigir-se ao mesmo sr. Antonio José Ferreira, que, por combinação com a commissão, se prompti-

fica a fazê-los, a quem se apresentar nas condições acima ditas no n.º 1.<sup>o</sup>, com sensível abatimento de emolumentos.

«A commissão pede a V. Ex.<sup>a</sup> o obsequio de dar conhecimento disto aos nossos correligionarios dessa região, e espera que V. Ex.<sup>a</sup> lhe indique o numero de bilhetes, para os effeitos do n.º 1.<sup>o</sup> acima ditos, que deseja lhe sejam enviados.»

## Anecdotas históricas

CXLIV

«E' pão de nossa casa!...» — Nos principios de fevereiro de 1871, um soldado bretão, resto do infeliz exercito francès de leste, extinguiu-se lentamente num hospital de Genebra. O frio, a miséria, as privações de todo o género haviam começado, naquella vigorosa natureza, a obra de destruição que ia ser consummada pelo desgosto e por aquelle terrivel mal que se chama nostalgia. O pobre moço havia deixado na charneca bretã seu pae, sua mãe e sua irmã. Tres irmãos tinham, como elle, deixado a casa paterna para defender a pátria invadida. Havia longos meses que elle ignorava a sorte de todos aquelles entes tam queridos do seu coração: eiz o que o matava!

Um dia dissera elle a um camarada: «Quem me dera ver meu pae!...» E o camarada escrevera. Esta carta fóra encontrat a familia do enfermo grandemente afflicta pela sorte de seu filho ausente. Mas a carta dizia que elle estava vivo: portanto era possivel salvá-lo; e o pae, apesar da sua idade avançada, pôs-se a caminho. E' longe do fundo da Bretanha a Genebra; e os caminhos estavam embaraçados pelos movimentos das tropas, ás quaes um armistício impunha a necessidade de marchas continuadas. Por isso a viagem do velho foi longa e custosa: mas tratava-se de ver seu filho e talvez de o salvar; nada custou ao infortunado pae.

Mal chegado a Genebra, ei-lo á cabeceira de seu querido filho. «Ah meu pae, bem vindo sejas!... Agora posso morrer!... — Não! Tu não has de morrer: eu saberei arrancar-te á morte. Tua mãe espera por ti, e teus irmãos não tardam em voltar. Animo, filho!... Eu trouxe dinheiro: vou comprar-te bons alimentos; tu comerás, e has de salvar-te. — Não, meu pae!...» E tornou a cair, exausto por esta pequena conversação. O pobre pae deixou tambem vergar sobre o peito a cabeça desalentada. Ter supportado tantas fadigas, para levar consigo um cadaver?!...

De repente um pensamento lhe illuminou o espirito: com mão febril rebusca no seu alforge de viagem, e tira d'elle um pão negro. «Olha,» diz elle ao filho «queres?... Foi tua mãe quem o amassou!...» A estas palavras, o moço ergue-se; o seu olhar baço reanima-se. Depois, estendendo a mão: «Dai-me, meu pae, dai-me desse pão amassado por minha mãe!...» Leva á bocca o pedaço de pão negro; devora-o; e o sangue reflue á face descórada... Subitamente uma lágrima lhe brota dos olhos: «Mai, meu pae!... E' tam bom!... E' pão de nossa casa!...»

O moço estava salvo. Quinze dias depois ia em companhia de seu pae para a Bretanha, e, durante o caminho, repetia a cada passo: «Ah quem nos dera chegar a casa, para comermos do nosso pão todos os dias!»

L. F.

Por que não haveis de comungar todas as manhãs em que ides á missa?

32 paginas, em 8.<sup>o</sup>

Avulso 30 rs., franco de porte.

Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 reis.

## Curiosidades

**Musica.**—Muitas vezes se tem repetido que a musica amacia os costumes e por isso uma sociedade coral de Brixton decidiu tirar a prova em condições até agora desconhecidas. Acompanhada de quatro instrumentistas, foi cantar em todas as prisões de Londres. O primeiro ensaio foi feito na prisão de Wandsworth e parece que deu resultados concludentes. Depois de dois oratorios de Haendel, cantados no pateo da prisão, reinou o mais completo silencio no estabelecimento que abriga mais de mil malfiteiros. Conta-se—e nós não temos difficuldade alguma em o crer—que alguns assassinos choraram de enternecimento e que até alguns velhos frequentadores da prisão abraçavam os seus guardas. Depois de Haendel, a sociedade de Brixton vai ensaiar a musica de Beethoven e Mozart. Depois passará ás composições modernas.

**Collecção real.**—A rainha de Inglaterra é apaixonada pela collecção de chapéus de mulher. Possui actualmente um verdadeiro museu de todos os que usou desde ha trinta e cinco annos, segundo os caprichos da moda de Londres. Desde que o chapéu não é da moda, é cuidadosamente encerrado numa vitrina, com um rotulo que indica a data do seu fabrico. Força é confessar que este exercicio não é accessivel a toda a gente. E' custoso, exige muito espaço, principalmente no momento actual em que os chapéus das mulheres attingem dimensões de verdadeiros guarda-chuvas.

**O ex-presidente Castro.**—Como têm noticiado os periodicos, o presidente da republica da Venezuela, cansado de luctar com a revolução, resolveu vir á Europa para tratar da saude e parece que resignou a presidencia. Ora por onde tem passado, tem causado a admiração de todos com o seu grande appetite. E' o que se chama um bom garfo e um bom copo. Pouco lhe importa que a Hollanda se apodere da frota venezuelana, que a revolução esteja ás portas de Caracas; o appetite infatigavel e a sede inextinguivel do Napoleão dos Pampas resistem a todas as decepções, como a todas as fadigas. Na tarde da sua chegada a Berlim, onde se tem demorado, encommendou quinze pratos e esvaiou dezoito garrafas. No dia seguinte executou a mesma tarefa e assim tem continuado com grande escandalo do dono do hotel. Para um homem doente é de mais. Que não comeria elle, se estivesse com saude?

**Estenographia.**—Aquelles que sustentam que nada se inventa agora e que as principaes invenções de agora eram já conhecidas da antiguidade, parecem estar no caminho da verdade. A bibliotheca do British Museum, em Londres, adquiriu um manuscrito que vai espantar todos os stenographos. Esta obra, escripta em velino pelo seculo X e redigida em latim, não é outra coisa senão um tratado de stenographia, que attribue a invenção desta arte a Tullio Tiro, escravo liberto de Cicero. Este volume em quarto de muitas centenas de paginas é ornado de desenhos que contêm em tres columnas os signaes e os seus equivalentes em lingua latina.

**No convento.**—Ha vinte annos a principesa Maria de Loewenstein-Wertheim tomava o veu no mosteiro de Santa Cecilia, das beneditinas de Solesmes. Seguiram o seu exemplo as suas duas irmãs: a principesa Francisca entrou e professou em casa das Franciscanas de Aix-la-Chapelle e a principesa Ignês igualmente tomou o veu em Solesmes. Depois a 13 de Junho de 1897, a tia destas tres religiosas, a principesa Adelaide, viuva de el-rei D. Miguel 1.<sup>o</sup> e mãe de D. Miguel 2.<sup>o</sup>, por seu turno tomou o veu de religiosa. Tambem escolheu o mosteiro benediti-

no de Solesmes. Emfim, ha alguns meses, o pae e o irmão destas quatro religiosas, o principe Carlos de Loewentein, pronunciava os seus votos sob o nome de Frei Raymundo, nos Dominicanos de Venloo.

**Flores do Oriente.**—Os japoneses gostam muito de flores. As suas principaes festas todos os annos tomam nomes de flores: festa das cerejeiras, festa das iris, festa das glycinias, festa dos chrysanthemos. A ultima criação das floristas japonesas é a rosa mudavel, cuja cor é branca á sombra e vermelha ao sol; quando se leva para um quarto levemente escuro ou, para melhor dizer, pouco illuminado, esta rosa toma a alyura da cera. Esta transformação é assás rapida: desde logo as petalas se tornam purpureas, depois cor de rosa pallida e emfim, brancas inteiramente mates; posta ao sol, a mesma rosa toma uma cor vermelha tam brilhante como a das peonias. Os chinezes tambem gostam de flores. Nos pateos das suas casas encontram-se sempre geranios, begonias, açucenas; os chinezes não cultivam somente as flores por causa da sua belleza, cultivam-nas tambem para seu consumo. Assim é que elles semeiam muitos bolbos de açucenas, que comem com pão, depois de os terem submettido a uma lejeira ebulição.

**A peste.**—Ha meses em Cambodge manifestou-se a peste e o rei Sisowath fez-se vaccinar e deu logo ordem, que todos os seus ministros o imitassem. Estes executaram-se de boa mente á excepção do ministro da guerra, que testemunhou um grande horror ao ver a seringa de injeção. Depois dos ministros, foi a familia real. Uma principesa, a nora do rei, mostrou-se hostil aos medicos francezes; e, quando o doutor, encarregado de a vaccinar, se lhe apresentou, teve difficuldade em evitar dois tinteiros que ella lhe atirou á cabeça. O rei riu-se da partida, mas puniu a principesa, ordenando-lhe que se encerrasse no palacio, sem sair, até que seja vaccinada.

**Uma gallinha valente.**—Deu-se na America. Perto de Figeae uma gallinha conduzia os seus pintainhos quando uma cobra enorme, de 1.<sup>o</sup> e 50, procurou apoderar-se dum delles. Começou logo um encarniçado combate. A gallinha ás bicadas conseguiu derrubar o seu adversario depois de lhe ter lacerado a cabeça.

## Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

— Grande Catecismo Catholico do Padre Darbe, S. J. — Da 2.<sup>a</sup> edição desta apreciada obra acabam de ser distribuidas aos seus numerosos assignantes as cadernetas n.ºs 28 a 31.

Nellas se occupa o sabio jesuita da *Gracia em geral e dos meios de obtela*. Estuda os sacramentos em geral e o *Baptismo* e a *Confirmação*, em especial.

A edição, cuidadosamente revista, é da Empresa editora da *Revista Catholica*, de Vizeu, a quem devem ser feitos todos os pedidos.

Cada caderneta de 80 paginas, custa 160 reis. Tambem se assigna aos volumes.

## Noticiario

**Associação Commercial — Eleição de nova direcção.** — Esta prestimoso collectividade reune hoje, na sua sede, pelas 10 horas da manhã, para dar cumprimento ao n.º 1 do artigo 7.<sup>o</sup> dos estatutos, ou seja: — «discutir e votar o parecer da commissão de contas e eleger a nova Direcção e seus supplentes», não se tendo realizado na passada sexta-feira, por falta de numero legal.

# A Restauração

**Quarenta Horas.**—Foi muito concorrida a solemne festividade das Quarenta Horas, que se realizou na igreja da V. O. T. de S. Domingos.

A igreja achava-se lindamente adornada, destacando-se o altar e tribuna do SS. que estavam embelezados com gosto e arte.

Prégou nos tres dias o nosso estimado collaborador rev. Paulino Aphonso, parcho de S. Clemente de Sande.

**Real Companhia Vinicola.**—O snr. Manoel José de Carvalho, negociante desta praça, participa nos em circular que, por contracto ultimamente feito com a Ex.<sup>ma</sup> Direcção da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, ficou habilitado a fornecer a todos os revendedores as diferentes qualidades de vinho fino, e com todos os descontos que a mesma Companhia faz, havendo sómente o augmento de frete. Que todos os pedidos deverão ser feitos de uma duzia de garrafas para cima, podendo ser sortida a contento dos consumidores.

**Recenseamento eleitoral.**—Nas portas das igrejas parochias estão sendo affixadas as listas dos recenseamento eleitoral. E' conveniente que todos os nossos correligionarios vá verificarem se os seus nomes estão inscriptos, afim de serem feitas as reclamações designadas na lei, em caso negativo.

**O sello dos annuncios.**—A auditoria dos impostos foi de parecer que tanto os annuncios nos vehiculos como os dizeres collocados nos armazens de retém e nos estabelecimentos, estão sujeitos ao imposto do sello, devendo pagar 20000 reis por anno. Por tal motivo, a começar do 1.<sup>o</sup> de março, serão fiscalizados os referidos annuncios, sendo autoados os responsaveis que não tiverem pago aquelle imposto.

**Nova firma.**—Em circular que acabamos de receber, participam-nos os snrs. Bernardino Jordão e Francisco Pereira Simões que, por escriptura de 2 do corrente mês de fevereiro, lavrada pelo notario desta cidade, snr. João Joaquim de Oliveira Bastos, reduziram a escripto o contracto verbal, pelo qual, a contar de 1 de dezembro de 1908, se haviam constituído em sociedade sob a firma de Jordão & Simões, para a exploração do commercio de tecidos de lã e algodão, com sede na praça de D. Aphonso Henriques, n.<sup>o</sup> 1 a 6.

Tambem nos participam que interessaram na sociedade o snr. Raul Rocha, antigo empregado do snr. Jordão, mas sem responsabilidade para elle.

**Caixa Economica Portuguesa.**—Acabamos de receber um exemplar do regulamento dos serviços da repartição da Caixa Economica Portuguesa, creada por carta de lei de 26 de abril de 1880, que se destina a concentrar em si e reproduzir por uma prudente applicação as economias particulares.

Esta caixa foi primitivamente installada em Lisboa, com delegações nas capitães dos districtos, mas chega agora ao nosso conhecimento que foi installada uma delegação neste concelho. E' uma instituição utilissima, que põe as classes pobres ao abrigo da miséria, e o juro pago aos capitães depositados, que é de 3,50 % com capitalização periodica, é mais elevado que o concedido por quaesquer instituições similares nacionaes.

Gosa de completa garantia do Estado e tem mantido, através de todas as crises economicas, a inteira confiança do publico.

**Banco Commercial de Guimarães.**—Reuniu no domingo passado a assembleia geral deste banco, sob a presidencia do snr. João Joaquim de Oliveira Bastos, secretariado pelos snrs. Simão da Costa Guimarães e Jeronymo de Castro, para a apresentação do relatório da direcção e parecer do conselho fiscal relativos ao anno findo, que foram approvados por unanimidade.

De harmonia com o estatuto procedeu-se em seguida á eleição dos corpos gerentes que tem de servir no triennio de 1909 e 1911, ficando eleitos:

**Assembleia geral.**—Presidente, João Joaquim de Oliveira Bastos; vice presidente, Antonio de Freitas Ribeiro; secretarios, Jeronymo de Castro e Simão da Costa Guimarães.

**Direcção.**—Effectivos: Dr. Antonio Marques da Silva Lopes e Joaquim Ferreira dos Santos. Substitutos, Gaspar Thomás Peixoto e Manuel Antonio da Silva Villaça.

**Conselho Fiscal.**—Effectivos: Visconde do Paço de Nespereira, José do Amaral Ferreira e Antonio da Cunha Mendes. Substitutos: João Ribeiro Jorge; João Antonio de Almeida e João Fernandes de Mello.

**Propostas da Fazenda.**—O snr. ministro da fazenda apresenta ao parlamento, entre outras, as propostas da reforma do contracto com o Banco de Portugal, da conversão da divida interna, remodelação dos impostos de modo a torná-la mais effectiva a sua cobrança.

Tambem se falla em qualquer providencia relativa a pagamentos, em ouro, de direitos da alfandega, mas só para determinadas mercadorias.

**Roubo em uma igreja.**—Durante a noite de segunda para terça-feira os larapios entraram, por meio de arrombamento feito na porta da sacristia, na igreja da freguesia de Caldeias-Taipas, subtrahindo da caixa das esmolas o dinheiro que ella continha, lançando-a depois a um campo proximo.

O parcho participou o crime na administração do concelho.

**Os nossos pobres.**—Recommendamos á caridade dos nossos presados leitores os infelizes abaixo mencionados que, a braços com terriveis enfermidades e consequentemente com a miséria, soffrem os horrores da fome se as almas bem formadas se não lembrarem de os soccorrer.

Sam elles:  
José de Castro Martins, que se acha paralytico.  
Mora na Travessa da Quinta.

Maria de Oliveira, entrevada, mora na rua de Villa Flor n.<sup>o</sup> 37.

Josefa Maria, viuva, sem meios para a sua subsistencia e impossibilitada de os auferir.  
Mora na rua de Santo Antonio, 182.

Francisco Mendes, de 25 annos, paralytico, do logar do Canto, freguesia da Oliveira.

Anna da Silva, que vive miseravelmente, sem recursos de especie alguma, na rua das Lameiras, á Cruz de Pedra. E' caseira do Lavrador.

Maria José Pinto, solteira, tuberculosa, e impossibilitada de trabalhar.  
Mora na rua de Santa Luzia 140.

A viuva de Francisco Almeida, (O Pe-neireiro), que ficou com dois filhos de tenra idade e sem meios de subsistencia.  
Mora em Caneiros.

Nesta redacção recebe-se qualquer esmola que seja destinada aos pobres que recommendamos.

## Annuncios

### EL-REI D. MANUEL II

Nitido e grande retrato, proprio para encaixilhar.

Recebe-o quem mandar CEM REIS, em estampilhas, á RUA DA PADARIA, 48, 1.<sup>o</sup>, LISBOA.

## A Constructora OFFICINA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

### DE Albino Teixeira d'Araujo Bastos

Nesta officina trata-se de todos os trabalhos que digam respeito ás artes de construcção civil, tanto por empreitada como por conta propria. Tiram-se plantas, desenhos e orçamentos. Fornecem-se operarios logo que sejam requisitados, não se levando mais do que 20 reis sobre o respectivo ordenado. Fazem-se e reparam-se mobílias de toda a qualidade, tanto na officina como fóra, havendo para isso operarios competentemente habilitados.

Garante-se a maior seriedade em todos os contractos.

SEGURANÇA, PERFEIÇÃO E BARATEZA.

Officina e deposito de madeira

Rua de Santo Antonio e Rua de D Luis 1.<sup>o</sup>

GUIMARÃES

VENDAS A DINHEIRO

## LOJA DO BENJAMIM

Toural, 105—Guimarães

### MALHAS e PERFUMARIAS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

*Esta casa recebe sempre novidades em todos os artigos para as duas estações, escolhidas nas principaes casas de Lisboa e Porto*

Variado sortido em tecidos de lã e algodão, em côr e preto (e para luto) para vestidos de senhora e-creança.  
Castorinas, baetas, flannels, merinos, armures, crepes, piqués, escumilhas, setins, velludos, chitas, gorgorinas, zephyrs, tecidos brancos, cassas, setinetas, forros diversos, entretellas, pannos brancos finos sem preparo, pannos familias, pannos crus, ditos enfiados para lençoes, bretanhas, rendas finas e de linha, entremeios e bordados, guarnições, cobertores, camisolas de lã e algodão, toucas, echarpes de malha e de seda, guarda-soes de seda e setim, calçado para verão e agasalho, algodões, perfumarias, miudezas, etc., etc.  
Deposito de chales de seda e agasalho desde 500 a 10\$000 reis.  
Lençoes de seda, de lã e malha. Cortes de novidade para vestidos em preto e côr.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

## Benjamim de Mattos

TOURAL, 105

VENDAS A DINHEIRO

## Aguas de Verin

ACIDULO-BICARBONATADO-SÓDICO-LÍTICAS

As mais ricas da Peninsula

MEDICINAES DE MESA

São as melhores e de seguro exito no tratamento dos incommodos do estomago, intestinos, rins e bexiga. Magnificas para o serviço de mesa. São leves, digestivas, puras, estomacaeas, limpidas e baratas.

## MANANCIAL CABREIROÁ

Unico agente em Guimarães

Francisco Jacome

# A Restauração

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, renda, abertos, mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

## Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de

### Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

# MACHINAS SINGER PARA COSER

Novos catalogos com grande redução de preços

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOCK & C.<sup>o</sup>

SUCCURSAES

Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães — Avenida do Commercio.

## GRANDE

# Catecismo Catholico

Sua explicação clara e fundamental

COM EXEMPLOS ESCOLHIDOS E ADAPTADOS A CADA MATERIA

Obra muito util para os reverendos parochos, para o clero e seminaristas, assim como para os professores de instrucção primaria, directores de collegios, e em geral para todos os catholicos e familias christãs que desejam ter conhecimento claro das grandes verdades da Religião

PELO

## PADRE JOSÉ DEHARBE

DA COMPANHIA DE JESUS

TRADUZIDO EM VERNAGULO

PELO PRESBYTERO

## Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto, com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Examinador Pro-synodal, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe «Pro Ecclesia et Pontifice» e redactor da «REVISTA CATHOLICA».

E' verdadeiramente monumental a obra que vamos reeditar — o famoso Catecismo do celebre e doutissimo Jesuita Allemão, o rev. Deharbe.

Esgotada a primeira edição, e continuando a receber frequentes e instantes pedidos tanto de Portugal como do Brazil e das Indias, e reconhecendo por outro lado os fructos incalculaveis que ham de resultar da divulgação desta obra que é um riquissimo thesouro de sciencia theologica popular ao alcance de todas as intelligencias, não hesitamos um momento em fazer uma nova edição que esperamos em Deus terá o mesmo exito da primeira, que dentro de pouco tempo se esgotou.

O Catecismo de Deharbe é, pelo seu methodo maravilhoso, pela clareza na exposição da sua doutrina, pela vastidão dos conhecimentos theologicos do seu auctor, uma obra indispensavel a todos os reverendos sacerdotes, parochos, pregadores, catechistas, aos directores e directoras de collegios, e aos chefes de familia, para lhes servir de guia na explicação da doutrina catholica, quer no ensino da catechese tanto dos pequenos, como especialmente de adultos, quer para as homilias ao povo, para sermões e conferencias.

Crêmos que neste genero não ha obra mais completa e mais bem acabada.

A explicação desenvolvimentissima de todas as verdades christãs e genuinamente catholicas, acrescenta exemplos numerosos que compendiam e tornam claras e palpaveis as verdades mais augustas e sublimes da religião, sendo alem disso aquelles exemplos um estimulo, para a prática de todas as virtudes que enaltecem e santificam o christão.

E' tal o merecimento desta obra monumental que tem sido vertida para as principaes linguas da Europa.

Consta de quatro grossos volumes, impressão nitida e em magnifico papel, e a sua distribuição será feita aos fasciculos de 80 paginas pelo preço de 160 reis.

A primeira caderneta vai ser brevemente distribuida aos numerosos assignantes, continuando aberta a assignatura ás cadernetas e aos volumes. Todos os pedidos devem ser diridos á

Empresa da Revista Catholica (Vizeu).

## O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos à Administração do Novo Mensageiro, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 paginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

Pauvert

## O Valle das Lagrimas

Necessidades, fontes e fructos da tristeza sobrenatural

VERSÃO DE

Antonio Figueirinhas

Obra approvada pelo Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preço, franco de porte, em brochura — 200 reis. Encadernação de luxo — 300 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

P. G. Bouffier

DA COMPANHIA DE JESUS

## Amor e Reparação

A primeira sexta-feira do mês

EXERCICIOS EM HONRA DO S. C. DE JESUS

Versão do francês pelo Padre Anselmo Gonsalves.

Um elegante volume, em 8.º inglês, de X—520 paginas, optima impressão e bom papel.

Preço ..... 500 reis  
Pelo correio ..... 530 »

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos ao traductor e editor, Padre Anselmo Gonsalves — Arcos de Valdevez.

## Obras primas de litteratura portuguesa

Nova edição completa dos

### Sermões

DO

Padre Antonio Vieira

Edição popular, em 15 volumes, cuidadosamente revista, compreendendo toda a obra oratoria do genial pregador.

Publicação por assignatura a volumes—Edição impressa nitidamente e em bom papel.

Por assignatura, a 500 réis cada volume brochado e 700 réis encadernado.

Depois de completa será augmentado o preço da obra, não se vendendo volumes avulsos.

Publica-se um volume mensalmente.

Recebem-se assignaturas em casa dos editores.

Livraria Chardron, de Lello & Irmão

Rua das Carmelitas, 144

PORTO

## A SAUDE

Revista mensal dirigida pelo habil clinico Dr. Bentes Castel-Branco

Pelo modo pratico como ensina a conservar e robustecer as forças physicas torna-se de grande utilidade em todas as familias.

Para tomar assignatura por um anno basta enviar 750 reis á sua administração

Rua da Padaria, 48, 1.º

LISBOA

## Catecismo para os Parochos

Segundo o decreto do Concilio de Trento

Publicado primeiramente pelo PAPA PIO V e depois por CLEMENTE XIII e, traduzido agora em portuguez por

Monsenhor MANUEL MARINHO

Por ordem do Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

DOIS VOLUMES.

Preço ..... 1200 reis.

Pedidos aos editores José Fructuoso da Fonseca & Filho, Rua da Picaria, 74—PORTO.

## BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense—Rua de Payo Galvão—Guimarães

**Recordação de meus estudos**, pelo auctor do *Méthodo para formar a infancia na piedade*. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.º Arcebispo Primás.

1.ª série—Um vol. de 46 paginas em 4.º:

Preço ..... 50 reis  
Pelo correio ..... 60 »

2.ª série—Um vol. de 50 paginas em 4.º:

Preço ..... 50 reis  
Pelo correio ..... 60 »

**Os beneficios da confissão**, por F. J. d'Ezerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.º Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 paginas, em 8.º:

Em brochura ..... 50 reis

Cartonado ..... 100 »

**As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos**, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.º Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 paginas, em 8.º:

Em brochura ..... 50 reis

Cartonado ..... 100 »

**Conselhos sobre a educação**, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.º Arcebispo Primás.

Um volume de 112 paginas, em 8.º:

Em brochura ..... 100 reis

Cartonado ..... 160 »

Os beneficios da confissão, as Bem-aventuranças evangelicas e os Conselhos sobre a educação remetem-se pelo correio franco de porte.

### OUTRAS OBRAS DIVERSAS

**Vida de S. Luis Gonzaga**, modelo e protector da mocidade catholica.

Um vol. de 50 pag., com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:

Preço ..... 30 reis  
Pelo correio ..... 35 »

**A Biblia—Questão Vital**, pelo Padre Bento José Rodrigues, com approvação da auctoridade ecclesiastica.

Um vol. de 48 paginas, em 8.º:

Preço ..... 50 reis

Pelo correio ..... 60 »

**Officio da Immaculada Conceição**, texto portuguez, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço ..... 20 reis  
Pelo correio, por cada 5 exemplares ..... 10 »

**Burgueses e Operarios**, dialogo entre um socialista e um homem de bem. (Versão do francês).

Um volume de 118 paginas em formato elegante:

Preço ..... 80 reis

Pelo correio ..... 90 »

**Educação**—Compendio de civilidade para meninas, coordenado pelo Rev. Padre A. de Menezes, contendo o seguinte

SUMARIO: I—O que é educação. II—O que exige a educação. III—Formação intellectual. IV—Formação do coração. V—Formação da consciencia. VI—Formação do caracter. VII—Deveres para com Deus. VIII—Deveres para com o proximo. IX—Civildade: Tratamentos.—Cartas.—Conversação.—Visitas.—Baptizados.—Jantares.—Honras funebres.—Reuniões.—Recreações.—Encontros.

Um volume de 80 pag. elegantemente cartonado, titulos dourados, folhas vermelhas.

Preço ..... 100 reis  
Pelo correio ..... 110 »

**Nem de mais nem de menos**, romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 paginas, em 8.º:

Preço ..... 50 reis

Pelo correio ..... 60 »

**Vida breve e popular de D. João Bosco**, por P. J. B. Francesia.

Um volume de 412 paginas, em bom papel e nitida impressão:

Preço ..... 400 reis  
Pelo correio ..... 450 »

**Izabel**, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 paginas, em 16.º:

Preço ..... 50 reis

Pelo correio ..... 60 »

**A Dictadura**, por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 paginas, formato elegante:

Preço ..... 250 reis

Pelo correio ..... 270 »

**O almocreve das petas**, por Spiritus Asper.

1.º volume, com 128 paginas, em 8.º:

Preço ..... 80 reis

Pelo correio ..... 90 »

Todas as requisições devem ser acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

### ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

**Bilhetes postaes illustrados**.—Coloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

**Bilhetes postaes de propaganda religiosa**, com diversas imagens. Preço de cada um, 5 reis. Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

**Sellos para colleções**.—Nacionais e estrangeiros, em pacotes com 25 sellos, desde 30 reis, e em pastas, avulso, de diversos preços, a começar em 5 reis cada um. Ha grande variedade.